

Carta da América X

<p>Muitos europeus ficam perplexos com a dimensão religiosa das campanhas eleitorais nos Estados Unidos. Na corrida para a presidenciais de 2008 já estão presentes sinais de que a religião voltará a desempenhar um papel, se bem que ainda não seja claro qual será o seu impacto real. </p>

<p>A razão primeira para a importância da religião na política norte-americana é simples: os americanos, no seu conjunto, levam a religião muito mais a sério do que os europeus. Qualquer indicador quantitativo, incluindo a frequência regular de actos religiosos e as descrições que as pessoas fazem de si próprias, demonstra que os americanos são, de uma forma geral, mais religiosos do que a maioria dos europeus. Mas, esta é apenas uma parte da explicação. </p>

<p>Os Estados Unidos foram formados por seitas religiosas europeias que escapavam à perseguição. A ideia de Novo Mundo começou com a rejeição da hegemonia religiosa existente nos países de origem. Mesmo que a diversidade religiosa existisse no século XVII, a maioria das nações europeias tinha uma religião dominante que se impunha, com a aprovação, se não mesmo com o apoio directo, do Estado. Fossem os Católicos na Península Ibérica e em França ou os Anglicanos na Inglaterra, existia uma acomodação entre a Igreja e o Estado, construída ao longo de gerações, mesmo que as relações entre as duas instituições nem sempre fossem fáceis. </p>

<p>Esta realidade contrasta com a primeira emenda à Constituição norte-americana, que não só garante a liberdade de expressão como proíbe o Estado de interferir, seja de que forma for, nas práticas religiosas. A liberdade política e religiosa ficou, a partir de então, não só cristalizada nas leis mas é também parte integrante da cultura norte-americana, a partir do século XVIII. É por isso que o candidato presidencial Mitt Romney pode fazer declarações tão espantosas como «*A liberdade requer a religião tanto como a religião requer a liberdade*», num discurso proferido em defesa da sua crença Mormom. </p>

<p>Na verdade, nenhuma das afirmações é correcta. Qualquer estudante de história sabe que a liberdade política é um conceito com origem no Iluminismo europeu, um conceito que, ao tempo, foi um anátema para a ordem religiosa. Mas, a religião pode florescer (e tem florescido) em Estados autoritários. Isto não significa, por exemplo, que as pessoas não possam ser perseguidas pela sua fé em Estados seculares autoritários, como foi o caso na União Soviética e na China, ou que a fé não seja tolerada em democracias, como na França. Os conceitos de liberdade e religião, são, assim, independentes e não co-dependentes um do outro, como estava implícito nas declarações do candidato Romney. </p>

<p>Se Romney não estivesse cego pela sua necessidade de granjear apoio na ala «evangélica» do Partido Republicano, poderia ter feito um comentário que reflectisse uma melhor compreensão da história e das tradições norte-americanas. De facto, é a diversidade religiosa que vai de mão dada com a liberdade. Ao omitir a palavra «diversidade», Romney estava a contar com a ignorância da sua audiência em relação à sua própria história, pois ele estava obviamente mais interessado em fazer chegar a mensagem à ala direita do seu partido do que na correcção histórica. </p>

<p>O comentário de Romney, no entanto, dá-nos uma janela para a compreensão de uma componente da definição dos Estados Unidos. A nação norte-americana foi o produto de um grupo de europeus que eram estudantes ávidos dos filósofos iluministas, composto

por elementos de muitas seitas religiosas diferentes, que individualmente não tinham o poder para impor a sua facção da religião. A experiência americana combinou a liberdade de pensamento dos filósofos humanistas com a diversidade religiosa. E é por isso que a primeira emenda proíbe o governo de qualquer interferência em matéria de consciência, incluindo a definição do que é a religião. Isto levou à formação de algumas religiões de certa forma exóticas, como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias de Romney, que, entre outras ideias pitorescas, crê que Jesus visitou a América após a Ressurreição.

É importante entender qual o impacto da religião na política dos Estados Unidos porque as próximas eleições estão a gerar um novo ponto de viragem na história americana, tendo o potencial de moldar a política externa norte-americana para a próxima década. Os anos de Bush foram dominados por um imperativo moral que combina a moralidade religiosa e o fatalismo com a liberdade e a democracia, um conceito que a maior parte do mundo pura e simplesmente não entende ou apoia. Uma administração Romney seria, basicamente, a continuação desta linha, como a sua agora famosa citação tão bem ilustra.

A doutrina Bush baseia-se na crença, partilhada por uma importante percentagem da opinião pública norte-americana, de que existe uma qualidade moral na hegemonia americana. Resumindo, que a superioridade moral americana, como demonstrada pela sua religiosidade, tem o direito e a obrigação de impor a democracia ao mundo – à força das armas, se necessário for.

Esta simplista leitura da tradição norte-americana contrasta com outro princípio – que a América deveria liderar pelo exemplo e voltar a ser o ícone de liberdade e de oportunidade que tradicionalmente atraiu os imigrantes de todo o mundo. É interessante notar que esta linha divisória não é necessariamente representada pelas dicotomias Democratas/Republicanos ou mesmo esquerda/direita. Existem candidatos republicanos, como John McCain e Ron Paul, que são assumidamente conservadores secularistas, e Mike Huckabee, um sacerdote, que rejeitam a noção de hegemonia americana, ao contrário de Mitt Romney e Rudy Giuliani, os candidatos republicanos que no presente lideram a corrida, que competem entre si para ver quem consegue levar ainda mais longe a doutrina Bush.

Uma das diferenças mais interessantes entre estes candidatos republicanos é a posição em relação à tortura e à imigração. Não surpreende, assim, que McCain, Paul e Huckabee tenham feito declarações mais veementes contra o uso da tortura e tenham um passado mais favorável à imigração, enquanto Giuliani e Romney apoiaram tacitamente a tortura e o endurecimento das leis da imigração. Romney, numa tentativa de ultrapassar as posições de Giuliani sobre a guerra contra o terror, propôs mesmo o alargamento de Guantanamo, uma operação que não só viola a Constituição dos Estados Unidos e as suas profundas tradições, como é contrária a qualquer convenção de guerra de que o país é signatário.

Os obreiros da constituição americana viam a religião não como um imperativo moral – uma desculpa para embarcar em cruzadas intermináveis e uma justificação para abusos dos direitos humanos – mas mais como uma garantia contra qualquer tirania, fosse ela imposta à força ou pela via da demagogia, secular ou religiosa. A religião nos Estados Unidos, é preciso reconhecê-lo, desempenhou tradicionalmente um papel proeminente na abolição da escravatura bem como na luta pelos direitos civis. Existem sinais que indicam

que os religiosos conservadores estão actualmente a sair da sua anacrónica obsessão com a homossexualidade e com a cruzada para a criminalização do aborto e a trabalhar em causas mais diversas, como o ambiente, o analfabetismo, a fome mundial e a pobreza.</p>

<p>As eleições presidenciais de 2008, cuja campanha agora começa oficialmente, serão um confronto entre a continuação do <i>status quo</i> ou a mudança. Desde os seus primórdios que os Estados Unidos têm sido um país que se questiona sobre o papel da religião na sua vida pública. Para alguns, a sua religião é a justificação para a imposição dos seus valores ao mundo. (Infelizmente, esta visão também é partilhada por muitos dos extremistas muçulmanos, que querem fazer o mesmo). Mas a tradição americana mais consentânea com a perspectiva dos pais fundadores vê a religião, base da moralidade, como tendo, em última instância, origem no Divino, e concede a todos os seus cidadãos o direito de aspirar à vida, à liberdade e à felicidade – um exemplo que o mundo pode seguir, se assim o quiser.</p>

<p>Só o tempo dirá qual destas visões prevalecerá no próximo mês de Novembro. </p>